

A NAU CATRINETA

A Nau Catrineta é um poema romanceado por um anônimo, relativo às viagens para o Brasil ou para o Oriente. Segundo Almeida Garrett, o romance popular A Nau Catrineta terá sido baseado no episódio sobre o Naufrágio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo do Brasil, no ano de 1565, que integra a História Trágico-Marítima. Este poema, que Garrett incluiu no seu Romanceiro (1843-1851), foi bastante difundido pelos países setentrionais. Diz a lenda que decorria o ano de 1565 quando saiu de Pernambuco a nau "Santo António" com destino a Lisboa, levando a bordo Jorge de Albuquerque Coelho, filho do fundador daquela cidade.

Pouco depois de deixarem terra, avistaram uma embarcação que vinha na sua direção e que identificaram como um navio corsário francês, que pilhava os barcos naquelas paragens. Dado o alerta, pouco adiantou desfraldarem todas as velas, pois o "Santo António" tinha os porões demasiado carregados. A abordagem dos corsários foi rápida e eficaz: a nau foi saqueada com todos os seus haveres e deixada à deriva no mar sob o sol escaldante. Os tripulantes mais fracos ou feridos em combate foram morrendo de sede e de escorbuto e os que iam sobrevivendo não esperavam melhor sorte.

O desespero apoderou-se dos marinheiros e um deles cheio de fome tentou arrancar pedaços de carne de um companheiro moribundo. Alertados pelos gemidos do homem, acercaram-se dele todos os sobreviventes, uns, para evitarem a ação desesperada, e outros, para nela participarem. Os ânimos estavam já muito exaltados, quando a voz de Jorge de Albuquerque Coelho se levantou, aconselhando-lhes calma e apelando para a sua dignidade de homens. Os marinheiros serenaram, enquanto a nau continuava à deriva. Por fim, foi avistada terra portuguesa, onde todos foram acolhidos e tratados. Conta-se que, muitos anos depois, Jorge de Albuquerque Coelho, já de idade avançada, se sentava em frente ao mar rodeado de amigos para contar a sua história que começava assim: "Lá vem a nau Catrineta, que tem muito que contar. Ouvi, agora, senhores, uma história de *pasm*ar...".



*Lá vem a Nau Catrineta
que tem muito que contar
esta nau, diz o poeta
El-Rei a mandou armar
e de Rosa a fez zarpar
para uma nova demanda
é D. José quem comanda
a barquinha em alto-mar
dessa odisseia sem par
de loucos navegadores
ouvi agora senhores
outra estória de pasmar*

*Estava a Páscoa já na pista
e a Quaresma a estacionar
feriado de Sexta à vista
ralé de cornos no ar
D. José ainda quis dar
a manhã de quinta-feira
“Um Capitão à maneira
-comentava o Baltazar-
vê a malta trabalhar
qual galegos do Ferrol
aqui com o ripado ao sol
e manda-nos descansar”*

*Na ponte da Catrineta
surgia então D. José
deitou a mão à sineta
e ali juntou a ralé
tão formadinha que até
os tenentes murmuraram
“Os cabrões nunca formaram
tão direitinhos, ó Zé!”
“Ora meu, pois já se vê
cheira-lhes a vadiagem
três dias de beberagem
ainda perguntas porquê?”*

*“Qual três dias qual caneco
são é três dias e meio
o Capitão patareco
enlouqueceu de permeio
então não sabes que veio
dar ainda mais meio-dia
a esta corja vadia
p’rálargar o devaneio
ouvi cá um galanteio
vindo ali do Baltazar*

*qu'inda fazem um altar
e o levam de passeio"*

*"Então e nós ó Moraes?"
"Nós é que estamos tramados
os planos semanais
irão ter que ser votados
fardadinhos e armados
vamos à reunião"
"Sacana do Capitão
q'uinta lhe parto os costados
ai dá folga aos desalmados
e a nós dá-nos trabalho?
pois mando-o já pró ca..."
"cala-te ou somos topados"*

*E lá foi a trupe inteira
de vacanças prolongadas
meio-dia de quinta feira
com as trouxas aviadas
nos escaleres as bacoradas
eram à dúzia ao segundo
foi-se embora todo o mundo
ficou o pobre Barradas
as costas já mui curvadas
na mão a roda do leme
o Tó na gávea e o alfageme
já velhote p'ra cegadas*

*No camarote ordenado
à hora da votação
estava D. José sentado
com a papelada na mão
"Ó Almeida, que horas são?"
"Já passa um quarto de hora"
"Mas então... esta agora
onde é que eles andarão?!
sabem que faço questão
em que nós os portugueses
aprendamos com os ingleses
ou será que não saberão?*

*"Terão percebido mal
a tal ordem recebida
que dispensava a geral
e foram também à vida?"
"Essa agora ó Boavida
isso era p'ra ralé
não p'rós tenentes, não é?..."*

*...Anda cá ao dono ó Brida
tás com o cio e andas saída
mas vê se cheiras, ou sentes
por onde andam os tenentes
minha cadelinha querida”*

*Passada mais uma horinha
com o rabito a abanar
chega a pobre cachorrinha
cansadinha e a bufar
assim que pôde ladrar
soltou três longos latidos
p’lo Capitão traduzidos
aos presentes devagar
“Diz que os foi encontrar
a jogar Black Jak
e a emborcar conhaque
na saleta do radar!!!?”*

*Dá aí o livro de ponto
que eu já os ponho aos pulos
vou-lhes ao bolsinho e pronto
vais ver como ficam fulos
Mas... ó corja de farandulos
assinaram esta treta
e puseram-se na alheta
...
muito bem, vamos lá ver
o que é que tem a dizer
esta cambada de chulos”*

*Em passo firme e a marchar
lá seguiu o Capitão
p’ró buraco no porão
onde ficava o radar
a cem metros do lugar
já se ouvia o chavascal
era o cagarim total
tudo aos berros a gritar
fulo de raiva, a espumar
deu um biqueiro na portada
perguntando p’rá cambada
“Senhores, podem explicar?”*

*Que merda vem a ser esta
ó seus filhos d’um cabrão?!
qual o motivo da festa
nesta canto do porão?!”
“D. José, peço perdão*

*nós estamos a trabalhar
ou melhor, a afinar
o braço, os dedos e a mão!”
“Estás a gozar manganão?!”
“A gozar?!... mas por favôr
não vos lembrais meu senhor
que está breve a inauguração?”*

*“Mau, mau, mau, mau, mau, Maria
ouve cá ó manjerico
sobrinho da tua tia
açoriano do Pico
depois deste bailarico
que me queres aindar dar
mando-te chicotear
trinta vezes, mafarrico
com o chicote de bico
que nem vais poder cagar
incapaz de te sentar
na sanita ou no penico*

*“Mas senhor meu Capitão
não estareis vós recordados
que na última reunião
dissesteis sem mais recados
p’ra estarmos bem preparados
para esse evento tão fino
a abertura do Casino?!”
Pois bem, estamos empenhados
a estudar compenetrados
machine slots, e poker
o bingo a linha e o joker
roleta apostas e dados*